SOJA

As safras argentina e brasileira estão com o plantio atrasado e não se sabe como será seu desenvolvimento. No mercado internacional, também há indefinições.

EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

A estimativa do **IBGE** para a safra 1988/89 do **Centro-Sul** e **Rondônia** revela que, além da soja, apenas a cebola e o fumo terão maiores áreas de plantio. O crescimento previsto para as lavouras de soja é, na média do país, de 9,6% em relação à área plantada de 1987/88 e de 10,5%, relativamente ao que se colheu este ano. A maior expansão é a que se espera para as plantações de **Goiás** (+ 20,1%) e, a menor, a do **Rio Grande do Sul** (+ 5,5%) maior estado produtor (ver Quadro 02).

Cresce cada vez mais a importância da soja na economia do país, devendo tornar-se, agora, a principal lavoura, em termos de área de cultivo. Cabe notar que o óleo de soja atende a 95% da demanda por óleos vegetais comestíveis no **Brasil**. Em menos de vinte anos, o consumo destes produtos quase triplicou, no país, passando de parcos 7 kg/hab/ano no início da década passada para o intervalo de 15 kg/hab/ano a 20/kg/hab/ano. Todavia, ainda não se aproxima do atingido nos países desenvolvidos, que varia entre 35 e 40 kg/hab/ano. No caso do farelo, o mercado interno costuma absorver cerca de 20% da produção total do derivado da soja. Para este ano, estimam-se esmagamento total de 13,9 milhões de t e exportações de 2,6 milhões de t do grão, 8,2 milhões de t de farelo e 750 mil t do óleo.

Até o início de dezembro, porém, a safra vinha-se deparando com problemas climáticos. No ano passado, o

QUADRO 02 – ÁREA DE PLANTIO DE SOJA – SAFRAS 1987/88 E 1988/89 (ha)

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	1987/88 (Área colhida)	1988/89 (Área a plantar)
Rio Grande do Sul	3.436.142	3.624.838
Paraná	2.115.000	2.320.000
Mato Grosso	1.319.230	1.532.365
Mato Grosso do Sul	1.176.417	1.300.000
Goiás	773.410	929.200
São Paulo	512.500	563.800
Minas Gerais	483.728	566.280
Santa Catarina	386.648	436.000
Distrito Federal	42.778	51.000

FONTE – Prognóstico da Produção Agrícola do IBGE.

Rio Grande do Sul apresentou perdas elevadas, em razão de estiagem e, este ano, as dificuldades com a falta de chuvas têm prejudicado marcadamente o plantio paranaense. Com efeito, as ralas chuvas de outubro não foram suficientes e, desde então, tem chovido pouco, aumentando o atraso da **semeadura**.

A soja poderia ter-se beneficiado do retardamento do plantio do milho (ver **Agroanalysis**, volume 12, número 10, outubro de 1988) e também do arroz **de sequeiro**, mas a estiagem não permitiu que isto acontecesse, no **Paraná** e em outros lugares. Ali, os produtores estão lançando mão de sementes de variedades tardias o que, pelo menos, contorna o problema, anteriormente imaginado, que haveria com a menor disponibilidade de sementes de soja precoce.

Aliás, também se pensava que o chamado **padrão B** da semente, com teor germinativo entre 70% e 80%, seria uma saída para o aumento da oferta deste insumo. No entanto, ao acarretar o maior emprego de grãos nas lavouras, provoca, igualmente, maior custo de produção, conforme apontou a publicação **Etac – mercados**. Outrossim, relatam-se casos diversos de replantios provocados pela má qualidade das sementes.

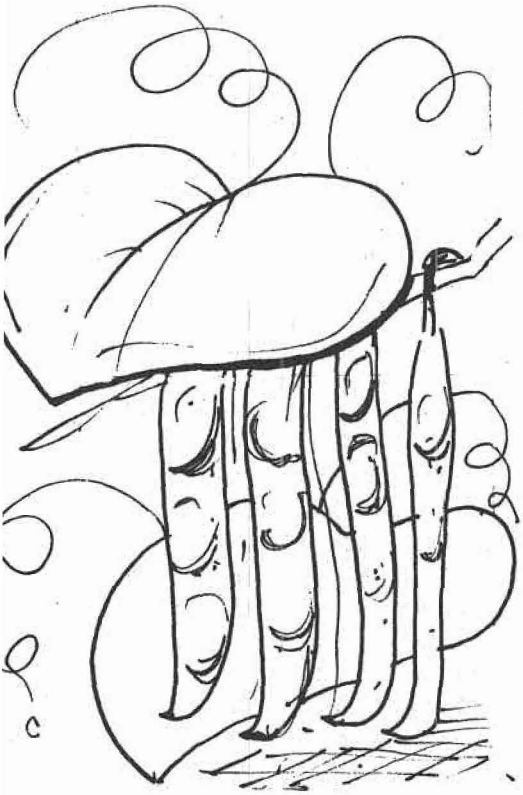
Seguem atrasados, igualmente, os plantios de **São Paulo, Minas Gerais** e **Mato Grosso**, o que retardará a colheita de parcela bastante significativa da safra. A chamada **safrinha** plantada em outubro para colheita em janeiro e fevereiro, no norte de **São Paulo** e do **Paraná**, será bastante retardada, fazendo com que algumas indústrias mais bem localizadas pen-

sem em importar soja em grão, até a entrada da safra brasileira.

Embora a **Companhia de Financiamento da Produção** considere que não há motivo para preocupação com o abastecimento dos derivados neste final de entressafra (já que ainda existem 100 mil t de óleo a serem embarcadas até março e o mercado do farelo, diante da queda do consumo interno, está bem suprido) espera-se alta das cotações, no país.

Aventa-se, por isso mesmo, a possibilidade de serem autorizadas importações destes derivados, para evitar a concessão dos reajustes de preços pedidos pelas indústrias.

Segundo a **CFP**, contudo, algumas empresas têm atribuído a dificuldade em encontrar o grão de soja no mercado à possível superestimação da safra, que não teria chegado às 18 milhões de t. A **Companhia** admite que é difícil determinar a real disponibilidade do produto, notadamente em um ano caracterizado pela morosidade de comercialização e, mais, sabendo-se que há **evasão** da soja brasileira.



Situação do Mercado Internacional

O **USDA** estima a produção mundial de oleaginosas, em 1988/89, em 200 milhões de t, 3% abaixo da safra de 1987/88, que foi recorde. A produção mundial de soja foi prevista em nível 22% abaixo do da safra precedente.

O esmagamento da soja também está estimado menor, em 82,7 milhões de t, com recuo de 2% comparativamente ao ano passado. Nos **EUA**, a queda é de 5%, mas nos demais países, estimam-se operações 5% maiores. No mês de novembro, os norte-americanos reviram para baixo o esmagamento na **Argentina** e no **Brasil** que, no entanto, é calculado 19% e 39%, respectivamente, maior do que em 1987/88.

Em termos de preços, a cotação média do ano-safra foi reduzida para o grão e o óleo e aumentada ligeiramente para o farelo. No caso do grão, ficou no intervalo de US$ 6,75 a US$ 8,75/**bushel**.

Discussões no GATT

Os noventa países-membros do **Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT)** mantiveram novas discussões, em Montreal, **Canadá**, a partir de 5/12. Esta série de negociações sobre contenciosos no mercado internacional denomina-se **Rodada Uruguai (Uruguay Round)** por ter-se iniciado, há dois anos, naquele país sul-americano, e deverá perdurar até 1990. O **Setor Agrícola** é o ponto focal desta série de reuniões e, desta feita, as divergências se ampliaram, em razão das acusações mútuas entre a **CEE** e os **EUA**, em torno de suas onerosas políticas de subsídios agrícolas.

Os países europeus não concordam com as propostas norte-americanas, que visam ao futuro fim dos subsídios, aceitando apenas reduzi-los, após um período de congelamento. A delegação dos **EUA** defende sua extinção após dez anos, com uma primeira fase de congelamento, em 1989 e 1990 e redução gradual, a partir de 1991.

Cabe registrar, porém, que a **Lei Agrícola** atualmente em vigor nos **EUA**, que incorpora o polêmico **Export Enhancement Program**, normas para o pousio das terras agricultáveis **(set aside)** e a política de preços oficiais, perdurará, também, até 1990. Dois anos depois, a **Comunidade Econômica Européia** estará integrando seu vasto mercado.



O "Cairns Group"

Uma terceira opção foi oferecida pelo denominado **Cairns Group**, constituído pelas delegações da **Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Hungria, Indonésia, Malaísia, Nova Zelândia, Filipinas, Tailândia** e **Uruguai**, países prejudicados pela disputa econômica EUA-CEE. Como os norte-americanos, este grupo propõe a revogação de todos os subsídios à agricultura e às exportações que afetam, de forma direta ou indireta, o comércio internacional. Diferem, porém, ao sugerir uma reforma de longo prazo, denominada **"down payment"**, composta por um **congelamento**, seguido por diminuição na sustentação à agricultura, e por redução na produção e nos subsídios à exportação, no próximo biênio. Tais medidas seriam antecedidas por imediatas facilidades de acesso aos mercados **protegidos** e se faria um acordo para a administração de excedentes.

Da parte dos países europeus e dos **EUA**, a concordância com esta proposta representaria interromper a pressão sobre mercados a que os países do **Cairns Group** tinham acesso fácil e que se perderam, em função de programas como o **PIK** e o **EEP** norte-americanos.

Ainda não foi desta vez, contudo, que se eliminaram as áreas de atrito entre os dois principais oponentes. Ao fim das discussões, em 7/12, tinha-se como saldo positivo a aprovação da redução gradual de barreiras alfandegárias para produtos tropicais, tais como banana, cacau, café, chá, juta e óleos vegetais, a partir do ano que vem.



Tendência da próxima safra

O clima permanecia indefinido, até o início de dezembro, nas zonas de produção do **Brasil** e da **Argentina** (ver **Acompanhamento Conjuntural da Agropecuária**), deixando grandes dúvidas quanto à próxima comercialização. As safras dos dois países sul-americanos já estão atrasadas e não se pode saber como se comportarão as lavouras daqui para a frente.

Os estoques mundiais são baixos e o recuo da oferta norte-americana provocou um desfalque de 14 milhões de t, a ser parcialmente ocupado pelas maiores produções brasileira e argentina. No entanto, se, por conta disso, podem-se esperar boas cotações em **Chicago** (e, também, no mercado interno) o retardamento da colheita, notadamente no caso da **Argentina**, irá aproximá-la demasiadamente do momento em que se inicia a divulgação das intenções de plantio dos agricultores norte-americanos. Seguramente, o nível de produção do ano passado será retomado, recompondo os estoques, no segundo semestre.

Segundo a publicação alemã **Oil World**, a safra mundial 1987/88 guarda muita semelhança com a de 1976/77, em termos de queda de produção e dos estoques e rápida alta prematura dos preços. Chama a atenção para o fato de não se dever acompanhar tão-somente a disponibilidade norte-americana, o que está levando a baixas sem fundamento nas cotações de **Chicago** (aliás, o **USDA** repetiu, em dezembro, a estimativa de safra dos **EUA**, divulgada em novembro). Assim, as grandes exportações sul-americanas e a conversão dos esmagadores de soja europeus, que passaram a trabalhar, temporariamente, com colza, girassol (e mesmo soja, produzida internamente) devem ser levadas em consideração.

De acordo com aquela fonte, grandes altas nas cotações do grão e do farelo, seguidas pelo óleo, não surpreenderão em 1989, pois o clima pode prejudicar a oferta do **Brasil** e da **Argentina** (que deverão responder por 40% das exportações da soja e derivados, no próximo ano) e, além disso, é possível que a **China**, a **URSS** e a **CEE** estejam atrasando importações necessárias de farelos e óleos de origem vegetal, para o início de 1989.

